

## A mulher-maravilha como patrimônio

Beatriz da Costa Pan Chacon<sup>1</sup>

### Resumo

Este artigo pretende traçar algumas considerações a partir dos múltiplos significados que envolvem o termo *patrimônio*, ao mesmo tempo em que se preocupa em estabelecer conexões com certas realidades educacionais e pedagógicas atuais e a sociedade contemporânea, centrando-se especialmente no Estado de São Paulo. Para tanto, utilizou-se a figura da Mulher-Maravilha, objeto de pesquisa de Mestrado, como componente relevante na configuração de um patrimônio feminino desde seu surgimento em uma mídia de alcance global, em 1941.

**Palavras-chave:** Mulher-Maravilha, patrimônio, quadrinhos e história.

### Wonder woman as a patrimony

#### Abstract

This article intends to draw some considerations concerning the multiple meanings around the idea of *patrimony* at the same time that aspire to establish connections with some actual educational and pedagogic aspects and contemporary society, with special focus at São Paulo State. Therefore, took the character of Wonder Woman, theme of Master degree work, as an important reference on female patrimony configuration since her first appearance in a global media in 1941.

**Keywords:** Wonder Woman, patrimony, comics and history.

---

<sup>1</sup> Mestre em História Social pela FFCLH-USP, professora das redes de ensino paulista e paulistana. E-mail: biachacon@hotmail.com

Patrimônio. s. m. (lat. *patrimonium*). 1. Herança paterna; bens de família. 2. Conjunto dos bens, direitos e obrigações de uma pessoa física ou jurídica. 3. *Fig.* O que é considerado como herança comum. (Dicionário Larousse Cultural. Dicionário da Língua Portuguesa, Nova Cultural, Ed. Moderna, São Paulo, 1992. p. 842).

Ao final dos anos trinta, especificamente, a partir de 1939, surge no Brasil o formato dos *comic books* norte-americanos publicado por dois empreendedores da imprensa nacional: Adolfo Aizen, da EBAL, com o *Lobinho* e, mais adiante, Roberto Marinho, do jornal *O Globo*, com o *Gibi*. Este novo formato praticamente decretou o fim do antigo formato tabloide usado até então, oferecendo como vantagens ao editor, o dobro das páginas, dobrando as folhas e grampeando-as, a um custo similar ao formato tabloide e, aos leitores, histórias completas. Assim, meninos e meninas ganharam uma nova forma de contato com seus heróis de papel e com eles viviam suas aventuras, viajavam por regiões muito distantes de suas realidades, atravessavam o espaço sideral, ampliando ainda mais suas capacidades de imaginar, de fantasiar. As *matinês* vivificavam os heróis para as jovens mentes daqueles meninos e meninas, que, assim, compartilhavam da ação, dos mistérios e do maravilhoso mundo dos heróis nos *gibis* e nas telas de cinema.

Um *patrimônio afetivo* crescia então, nutrido por duas fontes distintas, porém, comuns em sua temática, *as histórias dos heróis*, e que, concomitantemente, fermentava outras formas patrimoniais como a imaginação, o conhecimento – ainda que exacerbado pela fantasia – de outros povos, como por exemplo, nas histórias do Fantasma, Mandrake ou Flash Gordon, ou de outros períodos históricos, como a Idade Média, por meio das histórias do Príncipe Valente. Sob um ou outro foco, formava-se um *patrimônio cultural* diferenciado. Em não raros casos, é possível conceber que a leitura dos quadrinhos, para aqueles jovens, fomentou o hábito da leitura, expandindo-o para os jornais, para os livros. Derivando daí, outra forma patrimonial, a saber, o *patrimônio comportamental* da leitura, como um valor individual e socialmente relevante. Valor esse que, por raciocínio análogo, os jovens dos anos 40 podem ter transmitido a seus descendentes.

Desse modo, filhos e netos daquela geração, tornaram-se leitores, como

seus pais e avós, primeiro dos gibis, depois, de livros, jornais e revistas. E esta é outra faceta, amplificada, do *patrimônio afetivo*, já que agora, engloba aquilo que se herdou de uma geração anterior. E, se a isso for acrescentado, na forma de herança material, os gibis guardados e preservados por pais e avós, teremos um *patrimônio material*. Mas, ainda aí, podemos ir além, percebendo na materialidade dos gibis e na afetividade a eles associada, um *patrimônio familiar* e no cultivo da leitura, iniciado por meio deles, um *patrimônio identitário comum*.

A presente introdução nos revela, portanto, que o termo *patrimônio* encerra um complexo conjunto de conceitos e práticas de modo similar e, até certo ponto, *complementar*, ao termo *memória*, como proficuamente fez o historiador Jacques Le Goff em seu trabalho *História e Memória*, no capítulo dedicado ao tópico da *memória*. E, dentro deste rico trabalho, extraio o seguinte trecho, a propósito do “álbum de família”, investigado por Pierre Bourdieu e sua equipe: *A Galeria de Retratos democratizou-se e cada família tem, na pessoa de seu chefe, o seu retratista. Fotografar as suas crianças, é fazer-se historiógrafo da sua infância e preparar-lhes, como um legado, a imagem do que foram...(...).As imagens do passado dispostas em ordem cronológica, “ordem das estações” da memória social, evocam e transmitem a recordação dos acontecimentos que merecem ser conservados porque o grupo vê um fator de unificação nos monumentos da sua unidade passada ou, o que é equivalente, porque retém do seu passado as confirmações da sua unidade presente*”. O autor, Jacques Le Goff, então acrescenta: *“Acrescentemos a estas linhas penetrantes uma correção e uma adição. O pai nem sempre é o retratista da família; a mãe o é, muitas vezes. Devemos ver aí um vestígio da função feminina de conservação da lembrança ou, ao contrário, uma conquista da memória do grupo pelo feminismo?* (Le Goff, J. *História e Memória*, Ed. Unicamp, 2003, p. 460-461).

Na sociedade amazona retratada nas histórias em quadrinhos da Mulher-Maravilha, essa função, de guardar a memória do povo amazona, é bastante relevante e é complementada, por assim dizer, por meio de ações diversas, valores, práticas, construções e equipamentos que, desse modo, reforçam o significado e a preocupação com as questões da memória e do patrimônio em suas diferentes manifestações. Os prédios, por exemplo, seguem padrões da Grécia Antiga, ainda que, dado seu avanço científico, pudessem explorar outras formas arquitetônicas ou, por sua imortalidade combinada a essa ciência, tomassem contato com outros povos e diferentes estilos de construções. Outro exemplo, ainda ligado ao saber, quer sob a forma de livros, com bibliotecas, quer sob a arte em geral – vasos, esculturas, ornamentos, vestuários etc – esta também mantém o estilo grego. Da mesma forma mantém-se, por estes e outros meios, as práticas e os valores religiosos ligados ao panteão grego, com especial

destaque às deusas que, em síntese, são as principais *inspiradoras, protetoras e guias* do viver amazona. O patrimônio amazona, assim como o patrimônio de qualquer outro povo, é importante ressaltar, não está limitado a construções arquitetônicas ou aos cuidados deste ou daquele indivíduo, ou indivíduos, mas sim, à toda sociedade que o gera em seu cotidiano, presente, passado ou futuro. O que nos leva a ressaltar, outra característica do patrimônio, que é sua constante transformação e expansão, por ter, assim como a fala de seu povo, a condição intrínseca de ser *algo vivo*; isto é, o patrimônio não é nem estático nem uniforme. Ele é *fluídico* e, portanto, flui entre a sociedade que o constitui.

O patrimônio, tal como a memória, não está em *um lugar*, e sim, em *todos os lugares*. Patrimônio e memória são conceitos *vivos* de múltiplos aspectos e que podem ser resultado de uma *construção individual ou coletiva*, conforme nosso foco de análise. Por esse aspecto plural e pelo fato de ambos registrarem eventos, passagens de vidas, como no exemplo já mencionado das fotos, guarda profunda relação com a história, que busca valer-se de ambos os recursos, ao proceder em suas investigações. Este tripé, por sua vez, tem no tempo, seu ponto focal comum e, dessa maneira, podemos observar que com o passar do tempo e as variações geradas, ou como decorrência dessa passagem, modifica também o que é considerado patrimônio e o que é considerado memória. Desse modo, cada sociedade humana tem destacado por meio de seu patrimônio específico e de sua memória, também específica, por meio de sua produção material ou não, seus valores e seu viver. E do conjunto das sociedades, mesmo as de resgate mais longínquo no tempo, há aquele patrimônio que podemos chamar de *patrimônio universal*.

E partindo de raciocínio similar, podemos falar em outras formas patrimoniais, como por exemplo: *patrimônio lingüístico, patrimônio visual* e mesmo, de um *patrimônio de gênero*. Desse modo, o patrimônio ficcional do povo amazona que é formado por mulheres fortes, independentes ao longo de mais de 70 anos de sua existência nas histórias em quadrinhos da Mulher-Maravilha, confrontou-se com uma realidade predominantemente de dependência das mulheres do mundo *real* (de *fora* dos quadrinhos) e, somado a outros componentes dos dois mundos, o da fantasia e o da realidade, atingiu e, de mais de uma maneira, modificou o cotidiano e, por extensão, o patrimônio de vivências e experiências daquelas mulheres, criando assim *outro patrimônio*.

(1)



1 – Mulher-Maravilha

5

É mais do que provável supor que estas modificações atingiram diversos níveis, talvez a totalidade, dos relacionamentos que podem ser estabelecidos entre duas ou mais mulheres. Isto é: relações como de mãe e filha, irmãs, amigas, amorosas, profissionais, cidadãs etc. Embora fazendo uma análise por outro ângulo, James B. South (in: “*Super-Heróis e a Filosofia*”, Madras, São Paulo, 2005, p. 105), ao refletir sobre a personagem de Bárbara Gordon (a Batgirl dos quadrinhos), mostra a conexão quadrinhos e *mundo real*, como podemos observar ao final de seu texto quando diz:

*(...) As categorias de pontos de vista filosóficos, como o perfeccionismo moral, podem nos ajudar a ler as histórias em quadrinhos de super-heróis, e as histórias desses quadrinhos, vistas sob essa lente, podem, por sua vez, nos ajudar a calibrar o progresso de nossa vida, enquanto tentamos descobrir e criar o nosso eu melhor.*

Abrindo ainda outra vez a *porta* do que chamamos aqui de *patrimônio linguístico*, porém, sob diferente ângulo e combinando-a com o aspecto do *senso comum* levantado por Renato Ortiz, em sua obra *Mundialização: saberes e crenças* (Ed. Brasiliense, São Paulo, 2006), que aborda a inclusão de certos termos e conceitos, originalmente acadêmicos, para uma maior parcela da população, sobretudo por meio de seu emprego nos meios de comunicação, notadamente rádio, televisão, jornais e revistas, e as formas e conseqüências dessa apropriação por esse *público*, transformando-se assim em *senso comum*.

Desse modo, e, particularmente no Brasil, a palavra *patrimônio*, foi incorporada ao linguajar futebolístico nacional. Profissionais da imprensa desportiva

passaram a incluir em suas narrações dos jogos ou em seus comentários a expressão *jogar contra o próprio patrimônio*, seja quando o jogador de um time marca um gol contra, quando provoca a própria expulsão (nessa situação, geralmente, a expressão é menos usada do que na situação anterior) ou em outras jogadas que prejudiquem seu time. E este uso, apresenta-se coerente com o conceito de perda de algo (pontos e ou posição na tabela de classificação, que é uma das formas do *patrimônio* do clube no campeonato em disputa) e com a rápida e clara compreensão por parte dos que participam do interesse pelo futebol, entenda-se aí, torcedores, dirigentes, jornalistas etc, e com o espraiamento também acelerado da expressão. O termo *patrimônio* ainda aparece ligado ao patrimônio que um clube tem (e que deve *defender*) que pode ser referido quanto ao seu sentido material (estádio, instalações sociais, centro de treinamento etc) como em seu sentido subjetivo (o escudo, o nome do clube e conseqüente valor financeiro ou de confiabilidade/crédito que estes detêm, por exemplo) ou, englobando ambos os aspectos. Outras empresas, e o clube de futebol, na presente configuração da mundialização/globalização é cada vez mais uma empresa, também utilizam o conceito nestas mesmas bases; isto é, por exemplo, a marca e o nome *Coca-Cola*, representam um patrimônio em escala bilionária.

Considerando-se este conjunto de manifestações, sentidos, valores e significados fica cada vez mais evidenciada a importância e até mesmo, a urgência, tanto de refletir e debater sobre o tema como, e principalmente, as ações necessárias quanto à preservação, manuseio e acessibilidade, específica, mas não exclusivamente, aos meios concretos (discos, livros, quadros, documentos etc) que refletem o *patrimônio* de um povo ou, da humanidade. Nesse quesito, da preservação, estamos caminhando de modo muito lento em relação às riquezas que geramos e que formam nosso patrimônio (e nossa *memória*) nacional. De forma ainda mais precária encontram-se o manuseio e a acessibilidade. Nos debates intelectuais, acadêmicos ou políticos, estes devem ser pontos obrigatórios e devem ser capazes de gerar ações públicas concretas e no prazo mais imediato possível.

Outra questão nos evoca, nos dias atuais, o que podemos chamar de outra forma patrimonial. A crescente preocupação mundial quanto ao meio ambiente nos faz pensar na existência de um *patrimônio ambiental* que também requer demandas cada vez mais urgentes. É preciso refletir, e, essa reflexão, muito provavelmente nos levará à conclusão de que não estamos legando às gerações futuras, o *patrimônio ambiental* que

recebemos das gerações anteriores. Mas aqui, igualmente, é premente a ação.

Podemos ser capazes de ainda considerar outros contextos onde o conceito do patrimônio possa ser percebido, mas em lugar de elencar exemplos após exemplos, prefiro alertar para uma área que cinge as demais aqui citadas, que é a área do direito. Este campo do conhecimento humano também possui suas formas patrimoniais, mas também é aquela que legitima ações, coletivas ou não, em estruturas sociais complexas, leia-se aí, *sociedades* contemporâneas, segundo parâmetros legais definidos e claros. Mas, me parece, que estes parâmetros fundamentais estão por demais *marmorizados*, dificultando, ao contrário dos exemplos já mencionados, que esta área acompanhe, auxilie ou agilize as ações que cada um deles requer, ou, em seu conjunto, que, deste modo, se mostram *vivas*, ao passo que as leis, não possuem a mesma *vivacidade*, são tendencialmente estáticas. O *Direito achado na rua* quer como movimento quer como vertente contemporânea disciplinar do Direito é uma fonte importante e vitalizadora. (Um exemplo desta linha encontra-se em: SOUSA JUNIOR, J. G. (Org.). **O Direito Achado na Rua**. 4. ed. Brasília: Editora UnB, 1987. v. 2.). Além disso, esta condição intrínseca e prejudicial pode gerar mais danos às diferentes formas patrimoniais, causando perdas ainda maiores.

Buscando uma sintetização do que já foi exposto, percebemos que *carregamos* em nós mesmos todas as formas patrimoniais aqui citadas (e as não mencionadas), assim como acontece com a *memória*, bem como a **responsabilidade** por seu manuseio, preservação e disseminação. Igualmente verificamos o que poderemos denominar de um conflito inerente entre algo *vivo* (patrimônio, memória) e algo tendencialmente *estático* (direito) e os desdobramentos desse choque. E, no entanto, ainda assim, a imensa necessidade do debate, acadêmico ou não, acerca deste tema.

Nesse momento específico deste artigo, proponho uma inversão daquele quadro dos jovens leitores da década de 40, para outro, de não leitores. Se o hábito da leitura não se instalou num grupo jovem (e quanto mais jovens, melhor), é possível supor que esse hábito não se instalará nas gerações subsequentes em proporção semelhante àquela verificada na situação inicialmente aqui exposta. Contudo, à semelhança, se instalará sim um *patrimônio familiar*, porém, de não leitura. As conseqüências então gerarão, por sua vez, em tese, patrimônios diametralmente opostos àqueles derivados da existência do hábito da leitura.

O hábito da leitura, por exemplo, está vinculado, embora não de modo exclusivo, a uma camada social da população que *valoriza* este hábito e, em parte, se *define* por sua presença maior ou menor. No Brasil, infelizmente, as camadas sociais de maior volume populacional tem apresentado continuamente uma queda significativa da habilidade e do hábito da leitura, o que representa, para este artigo uma prova inegável do grande afastamento entre uma significativa parte de nosso *patrimônio cultural* e uma imensa massa de brasileiros. Ainda que as esferas públicas, notadamente entre as redes públicas de ensino municipais e estaduais, como no caso de São Paulo, tenham, recentemente, idealizado propostas e aplicado ações de reação a esta queda, suas possibilidades de alcance e ou de sucesso, são bastante limitadas, me parece, por fatores internos e externos a elas. Não sendo o foco central deste artigo, não pretendo me estender excessivamente neste tópico, contudo, não posso e nem devo deixar de mencionar ao menos parcialmente, um ou dois destes fatores.

Do ponto de vista *externo*, cito inicialmente uma superabundância visual que tem sido privilegiada, quase *conflituosa* e *excludente*, de modo a quase *impor* o visual sobre outras formas de contato consigo (em termos do indivíduo) ou com o coletivo (a saber, o mundo), como é o caso da televisão, dos games eletrônicos (sobretudo nos computadores e celulares), e, em até certo ponto, de um tipo de produção cinematográfica. Ainda, do ponto de vista *externo*, há uma crise de proporções globais apresentando a queda da habilidade leitora mesmo em países economicamente mais robustos que o Brasil, o que nos sugere haver uma causa mais profunda, que afeta tanto a família quanto a escola, instrumentos fundamentais para o espraio e desenvolvimento desta habilidade.



3 – Ao trabalho!



Em termos *internos*, podemos destacar: o quanto essas ações públicas conseguem sensibilizar, envolver e abarcar os conjuntos familiares, de modo a que a maioria (ou a totalidade) dos membros das famílias dos alunos dêem o respaldo e mais, participem, do esforço pela criação do hábito da leitura, já que este envolvimento, pela proximidade afetiva, reforçaria os *patrimônios familiar e identitário*, favorecendo tanto um enriquecimento familiar quanto uma maior percepção do próprio conceito do patrimônio. E, como um desdobramento quase natural, da sua consciência como cidadãos, responsáveis, entre outras coisas, por zelar por esse patrimônio. Hoje, de modo geral, nas escolas públicas, sobressai, infelizmente, um significativo descuido e descaso com os livros, didáticos ou não, por parte dos alunos. Em outras palavras, o não envolvimento da família de modo concreto, favorece um sucesso relativo a tais ações.

Outra vertente *interna*, diz respeito às tentações que surgem *de fora* do ambiente familiar e do ambiente da escola, que *fascina* os jovens e lhes dá mais rapidamente do que aqueles ambientes, uma sensação de *poder e superioridade*, e que não provoca estímulos ao desenvolvimento mental e intelectual, mas, muito ao contrário, favorecem uma espécie de *quebra da vontade individual* em troca de uma idéia (fictícia ou não) de pertencimento a um grupo reconhecido por eles, os jovens, como um grupo *forte*. Esse grupo, em diferentes graus, está vinculado a práticas ilícitas como, por exemplo, o tráfico de drogas. Diante do poder de *sedução* exercido por tais grupos, parte dos jovens rejeita firmemente a proposta social feita tanto pela família quanto pela escola, aqui representada pelo hábito da leitura.



4 – Na escola, um novo começo

É evidente que não aponto tais fatores como suficientes para excluir as ações públicas que tentem reverter um quadro negativo relacionado à capacidade leitora

dos jovens, muito longe disso. Mas também não desconheço ou nego, o que seria, no mínimo, imprudente, o que existe no outro lado deste quadro. Na verdade, é por meio deste conhecimento que melhor poderemos agir para revertê-lo. Uma observação, não para finalizar o tema, o que seria inviável, mas que serve para ilustrar um patrimônio valioso em qualquer país, isto é, seu *patrimônio humano*. É sobre este patrimônio em particular, que se procurou, na abordagem da habilidade leitora, sobretudo dos jovens, refletir neste trecho do artigo. E isto nos faz perceber que o conceito de *patrimônio* é mais amplo, quanto maior nossa consciência nos leva a pensar sobre ele e tão vivo quanto nós mesmos.

Do ponto de vista etimológico (*Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa*, versão eletrônica) o termo guarda relação tanto com a palavra *pai* (não se limitando aqui ao aspecto biológico da paternidade, mas em diferentes acepções, inclusive, *padrinho* e *apadrinhamento*, por exemplo) quanto com a palavra *pátria*. E, em ambos os casos, assim como de termos derivados, reforçam a visão apresentada por Pierre Bourdieu, sobre o *retratista da família* assim como do foco do patrimônio poder estar conectado ao individual (o pai que retrata *seu* grupo familiar) ou ao coletivo (quando enfoca algo que pertença à pátria, como a *cultura*), como já expusemos anteriormente. E, nesse sentido, vemos que o *patrimônio* trata-se de um produto vinculado e derivado da figura masculina. Mas, o historiador francês Jacques Le Goff, como vimos, rompe esse vínculo etimológico ao expor uma transformação social ao formular a questão: “... Devemos ver aí um vestígio da função feminina de conservação da lembrança ou, ao contrário, uma conquista da memória do grupo pelo feminismo?” (Le Goff, J. *História e Memória*, Ed. Unicamp, 2003, p. 460-461).

É ainda interessante mencionar, segundo o *Dicionário Houaiss*, que sua forma histórica data do século XIII e as permanências e as mudanças que envolvem o conceito até este momento do século XXI.

Retomando o início deste artigo, vimos que nos primeiros tempos das histórias em quadrinhos de ação, eram os *heróis* que se destacavam em quantidade, poderes e exposição em outras mídias (rádio, cinema e, mais tarde, televisão entre outras). O surgimento e o rápido sucesso alcançado pela Mulher-Maravilha, ainda que não tenha sido a primeira *heroína* ou personagem feminina com habilidades especiais neste gênero de publicação, criou um marco importante para os referenciais femininos para as décadas seguintes.

Tal efeito transcendeu o universo dos quadrinhos, favorecendo não

apenas dentro dele, como além, a multiplicação de personagens femininas poderosas, fortes e confiantes, que, de uma ou mais maneiras, assemelhavam-se a ela e davam um ou dois passos a mais no sentido de mostrar *uma nova mulher e uma nova visão de feminilidade*, rompendo assim com padrões que também estavam sendo questionados em ações públicas, por meio de organizações sociais e políticas, ou, em ações individuais, como por exemplo, ampliando sua formação intelectual e profissional, tanto por mulheres que buscavam uma melhor visibilidade e reconhecimento como cidadãs, quanto por homens que já não mais aspiravam uma companheira que só dissesse *sim* às suas vontades, bem como por um conjunto de variáveis políticas e econômicas, que, por sua vez, demandavam por um tipo de profissionais, homens e mulheres, cada vez mais habilitados a lidar com diversas questões ao mesmo tempo.

Assim sendo, a Mulher-Maravilha, entre outras figuras/*personalidades*, tornou-se um **símbolo** e um **patrimônio** para mulheres das mais variadas idades e origens, mostrando um potencial feminino até então não devidamente mostrado e reconhecido em outras esferas da vida humana, como por exemplo, a política, os esportes, a literatura ou as artes em geral. Os *altos e baixos* que a personagem enfrentou ao longo das últimas sete décadas e que pudemos verificar ao analisarmos com profundidade sua trajetória permite um rico e amplo paralelo com a realidade experimentada ao longo desse mesmo período, na luta por um espaço socialmente mais justo para as mulheres e na construção de novos parâmetros políticos e sociais para homens e mulheres, dentro de um contexto mundializado/globalizado.

Nesse sentido, a personagem Mulher-Maravilha, e o raciocínio é igualmente válido, repito, para outras figuras femininas, transmite idéias e valores positivos como determinação, capacidade de luta e conquista, força física e moral, segurança, caráter, temperança, inteligência, entre tantas outras, que de modo direto ou indireto podem reforçar estas mesmas qualidades para todas as mulheres, oferecendo assim algo, que até antes de seu surgimento, era praticamente relegado como atributos de valor do gênero feminino. Ainda que para novas gerações a heroína possa não ser tão conhecida ou tão reconhecida como importante referencial do *novo patrimônio feminino* que ajudou a formar, é mais que possível que estas gerações tenham referências similares, dos quadrinhos, dos filmes ou mesmo de suas vidas, de outras personagens femininas que têm na figura da Princesa Amazona, uma de suas mais fortes raízes e predecessora.

Desconhecer este fato e este importante papel desempenhado pela personagem é mais que um perigoso indício de descaso com o conhecimento da história em sentido amplo e, especificamente, mais desastroso, para as mulheres de gerações mais novas, quanto ao conhecimento e significância da história do gênero feminino. O presente artigo não quer segmentar, além do que já somos segmentados, homens e mulheres, mas, também não ignora que é preciso pesquisar e divulgar esse campo historiográfico, a saber, a história das mulheres, extensa e intensivamente, tendo como uma de suas metas fundamentais, um justo equilíbrio social, político e econômico entre mulheres e homens.

A questão, ou melhor, as questões que envolvem o patrimônio são de suma importância para tal construção, em todas as formas que este possa manifestar-se. O início deste artigo também procurou apresentar o fato de que todos, a começar pela família, e não apenas o Estado, temos vínculo, obrigação e responsabilidade para com as formas mais amplas e próximas nas quais ele se manifesta. E também acrescenta que estas formas *simplificadas* ou *cotidianas* são instrumentos relevantes para aprofundarmos nossos contatos e posturas diante de formas mais complexas, abrangentes e quantitativamente mais amplas. Em outras palavras, o *patrimônio familiar* (em seu total espectro) nos proporciona uma melhor valorização do *patrimônio social comum* e este, por sua vez, nos aprimora a visão acerca do *patrimônio humano* que desfrutamos e do qual somos responsáveis.

Vimos então que, iniciados na leitura das histórias em quadrinhos, de ação ou não, crianças se tornaram, em nossa exposição inicial, jovens e adultos leitores, donos de uma *prática leitora e de um patrimônio leitor e identitário*, que lhes permite, em tese, uma ampliação de conhecimentos e sensibilidades incomensurável. Algo que, infelizmente, observamos, particularmente, mas não exclusivamente, no Brasil, estar em declínio para uma boa parcela da juventude, em parte seduzida por formas mais *taquigráficas* de comunicação.

Pessoalmente, fui e sou testemunha do poder da leitura e do *imenso patrimônio* que herdei, desde os primeiros gibis Disney, dos heróis e heroínas, seguidos por livros e livros que povoaram minha mente e alargaram minha capacidade verbal. Meus pais (3) ensinaram o gosto pela leitura aos filhos e estes, em seus filhos. Hoje, todos nós somos agradecidos e eternos devedores.

(3)



3 – Meus pais

13

### Referências bibliográficas:

CHACON, Beatriz da Costa Pan. *A Mulher e a Mulher-Maravilha: uma questão de história, discurso e poder (1941-2002)*. Dissertação de Mestrado, História, História Social, Universidade de São Paulo, 2010.

*Dicionário Larousse Cultural*. Dicionário da Língua Portuguesa, Nova Cultural, Ed. Moderna, São Paulo, 1992. p. 842.

LE GOFF, J. *História e Memória*, Ed. Unicamp, 2003, p. 460-461

ORTIZ, Renato *Mundialização: saberes e crenças*. Ed. Brasiliense, São Paulo, 2006.

SOUSA JUNIOR, J. G. (Org.). *O Direito Achado na Rua*. 4. ed. Brasília: Editora UnB, 1987. vol. 2.

SOUTH, James B. in: IRWIN, William (org.), coletânea de: MORRIS, Matt e MORRIS, Tom: “*Super-Heróis e a Filosofia*”, Madras, São Paulo, 2005, p. 105.

*Recebido em outubro de 2013*

*Aprovado em março de 2014.*